

**Os Relatórios Médicos da Comissão Rondon.**

*Arthur Torres Caser\**

**Resumo:**

Este trabalho tem por objetivo analisar os relatórios elaborados pelos médicos que participaram da Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas do Mato Grosso ao Amazonas, que percorreu estes estados brasileiros entre 1907 e 1915. Esta comissão tinha como meta a expansão do telégrafo até a região noroeste do Brasil; no entanto, a atividade construtora foi acompanhada por iniciativas no sentido de “civilizar” indígenas, por estudos científicos da região, e, também, pela produção de relatórios médicos. Estes últimos tratavam tanto das condições clínicas dos membros das expedições quanto de questões ligadas à salubridade dos locais percorridos, produzindo uma interpretação dos “sertões do noroeste” na qual se destacavam a onipresença da malária e o aspecto desalentador das cidades e pequenos núcleos populacionais aí presentes.

Palavras-chave: Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas do Mato Grosso ao Amazonas; relatórios médicos; malária.

**Abstract:**

The purpose of this paper is to analyze the reports produced by the doctors that took part of the “Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas do Mato Grosso ao Amazonas”, which crossed these Brazilian states between 1907 and 1915. This commission had the objective of expanding the telegraphic communication lines up to the Brazilian northwest region; however, the building activity was accompanied by initiatives in the sense of “civilizing” indigenous people, by scientific studies of the region, and, finally, by the production of medical reports. These reports covered from the clinical conditions of the expedition members to issues associated to the sanitary conditions of the places visited, producing an interpretation of the “sertões do noroeste” in which the presence of malaria and the awful aspect of the cities and little villages were put in the first place.

---

\* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde (PPGHCS) da Casa de Oswaldo Cruz/ Fiocruz. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Key-words: Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas do Mato Grosso ao Amazonas; medical reports; malaria.

### **Introdução.**

Entre os anos de 1907 e 1915, vastas regiões dos estados brasileiros de Mato Grosso e Amazonas foram atravessadas por um grupo de oficiais e praças do exército brasileiro que cumpriam a missão de levar a comunicação telegráfica até o noroeste do Brasil. Estes homens faziam parte da Comissão de Linhas Telegráficas de Mato Grosso ao Amazonas (CLTEMTA) – também conhecida como Comissão Rondon. Criada no governo de Afonso Pena e chefiada pelo coronel Cândido Rondon, esta Comissão foi um dos maiores esforços realizados pela Primeira República com o fito de incorporar os “sertões do noroeste” ao restante do país. Ela também foi o ponto alto da longa trajetória pública de Rondon, sendo muitas vezes evocada por narrativas míticas sobre a vida deste tão importante personagem da história do Brasil Republicano para lembrar a magnitude do esforço por ele desempenhado e suas virtudes inabaláveis.

É sobre a CLTEMTA que pretendo tecer algumas considerações no presente trabalho. Concentrar-me-ei especificamente no exame de um tipo de documento por ela produzido: os relatórios médicos. Mas, antes de explicar o que levou à produção deste tipo de documento no interior da Comissão, a apresentarei enquanto “missão civilizatória” da República brasileira.

### **A Comissão Rondon: uma “missão civilizatória” da República brasileira.**

Muitos autores já apontaram o desejo de modernização da sociedade que acompanhou a Proclamação da República brasileira (CARVALHO, 1987; NEEDLELL, 1993; NEVES, 2003). De modo geral, estes autores destacam a associação – comum no período – entre Monarquia e atraso, por um lado, e República e progresso, por outro. Este afã modernizador norteou muitas das ações tomadas pelos governos da Primeira República, em especial nos seus primeiros anos de existência, e tinha como alvos tanto as maiores cidades do país quanto seus mais recônditos “sertões”.

Em relação às cidades, as amplas e radicais reformas urbanas, combinadas com a emergência de novas normas de convívio, ditadas pelos preceitos da higiene, modificaram

inteiramente suas feições, num movimento que buscava tornar as cidades brasileiras semelhantes às grandes metrópoles europeias (BENCHIMOL, 1990; CHALHOUB, 1996).

Quanto aos “sertões” do país, a jovem República patrocinou missões que tinham o intuito de conquistar estes espaços para a “civilização”, tornando-os efetivamente parte da nação brasileira. Nesse sentido, cumpriu papel fundamental a construção de linhas férreas e telegráficas. Enquanto as primeiras permitiriam a circulação de pessoas e mercadorias, as últimas garantiriam a comunicação entre as mais longínquas regiões do país e, sobretudo, entre estas e a Capital Federal. Estas linhas garantiriam a construção da nação brasileira através de sua interiorização, num movimento de “expansão para dentro” (MACIEL, 1998).

No início do século XX, “sertões” eram considerados espaços vazios, que faziam parte do território nacional, mas não da nação brasileira e nem da “civilização” como um todo. Segundo Nísia Trindade Lima, sertão, à época, integra o mesmo campo semântico de incorporação, progresso, civilização e conquista. (LIMA, 1998:166-167).

A partir desse ideal de integração nacional foram formadas algumas expedições que, além seus objetivos específicos, tinham como meta partilhada a incorporação ou conquista dos “sertões” do país. Tais expedições foram chamadas por Nísia Trindade Lima de “Missões Civilizatórias da República”. (LIMA, 1998).

Entre estas “Missões Civilizatórias”, a já citada autora inclui a viagem de Euclides da Cunha a Canudos no ano de 1897, como correspondente de guerra do jornal *O Estado de São Paulo*; as diversas viagens científicas do Instituto Oswaldo Cruz – entre as quais podemos enumerar a viagem de Oswaldo Cruz à Amazônia a serviço da Madeira-Mamoré em 1910, a viagem de Carlos Chagas, Pacheco Leão e João Pedroso à mesma região por requisição da Superintendência de Defesa da Borracha e a expedição de Arthur Neiva e Belisário Penna que percorreu, em 1912, parte das regiões nordeste e centro-oeste do Brasil a serviço da Inspeção de Obras Contra as Secas – e a Comissão Rondon, cujo objetivo era a instalação de linhas telegráficas no norte e noroeste brasileiros.

Caracterizar a Comissão Rondon como “Missão Civilizatória” nos ajuda a compreender sua importância enquanto esforço do Estado e da intelectualidade do período no sentido de incorporar os “sertões” à República brasileira.

### **Uma Comissão multifacetada.**

A primeira grande Comissão criada pela República com o intuito de integrar o território nacional através do telégrafo foi a Comissão Construtora de Linhas Telegráficas do Rio de Janeiro ao Mato Grosso, que, sob a chefia do Major Gomes Carneiro, esteve em funcionamento entre os anos de 1890 e 1898. No ano de 1891, o então tenente Candido Mariano da Silva Rondon foi enviado ao Mato-Grosso para servir nesta Comissão, onde esteve até sua conclusão.

No ano de 1900, Rondon foi nomeado chefe de outra importante Comissão. Tratava-se da Comissão Construtora de Linhas Telegráficas de Mato Grosso a Goiás, encerrada no ano de 1906.

O trabalho destas duas Comissões ligou à malha telegráfica nacional vastas áreas dos estados de Goiás e Mato Grosso que, até então, encontravam muitas dificuldades de comunicação com outras partes do país.

Com o intuito de ampliar ainda mais o alcance das linhas telegráficas federais, o presidente Affonso Penna (1906-1909) criou a CLTEMTA. O objetivo desta comissão era ligar ao Rio de Janeiro o estado do Amazonas e os territórios do Acre (região cedida ao Brasil pela Bolívia em tratado de 1903), do Alto Purus e do Alto Juruá, por intermédio da capital do Mato Grosso. Os pontos extremos da linha seriam Cuiabá e Santo Antônio do Madeira – cidade célebre por suas péssimas condições de salubridade –, o que implicava na travessia de grande parte da pouco conhecida e muito temida Amazônia.

Os trabalhos de instalação e conservação de linhas feitos nas diferentes viagens e expedições de exploração da CLTEMTA duraram de 1907 a 1915, quando, finalmente, a região amazônica foi alcançada pela linha telegráfica.

Já vimos que a Comissão Rondon foi uma “Missão Civilizatória” da República e que, portanto, um de seus objetivos era incorporar os “sertões do noroeste” do país à nação brasileira e à civilização. No entanto, esta grande meta estratégica combinava-se com diversos outros objetivos. Alguns deles já foram bastante enfatizados pela bibliografia dedicada ao tema, como veremos a seguir.

Em primeiro lugar, o objetivo de instalar linhas telegráficas por toda a região noroeste do país deu origem à Comissão. A consecução deste objetivo, explorado por Laura Maciel em “A Nação por um Fio” (MACIEL, 1998), permitiria a comunicação telegráfica entre as mais distintas partes do país, tornando mais rápida a reação a qualquer ataque de inimigos estrangeiros ou mesmo a rebeliões e revoltas regionais e locais. A instalação de linhas telegráficas em regiões fronteiriças era vista como um meio de garantir a posse efetiva destes territórios, afastando a possibilidade de querelas com os países vizinhos. A Comissão também

acreditava que a instalação de linhas e estações telegráficas fomentaria a formação de núcleos de povoação nos “sertões do noroeste”.

Além disso, como nos mostra Elias dos Santos Bigio em “A Integração Nacional” (BIGIO, 2000), o contato com as sociedades indígenas foi efetivado, de fato, no período de atuação da CLTEMTA. Este contato – responsável em grande parte pela notabilização da Comissão Rondon e da figura de seu chefe – seguiu uma política de “proteção” dos indígenas por parte do Estado. Sua assimilação à sociedade brasileira deveria realizar-se a partir da sua própria vontade. Os indígenas deveriam ser conquistados por meio de estímulos, dos quais o principal era o contato com a tecnologia. Rondon, assentado firmemente em suas crenças positivistas, acreditava que os indígenas acabariam por perceber a superioridade natural da “civilização”, abandonando seu modo de vida e suas crenças, julgados, então, como ‘primitivos’.

Outro objetivo da Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas – que só agora começa a ser discutido pela historiografia – era realizar estudos científicos sobre os recursos naturais das regiões percorridas, com o fito de localizar de terras propícias à agricultura. Tais estudos foram efetuados paralelamente às atividades de instalação das linhas telegráficas. Nísia Trindade Lima e Dominichi Miranda de Sá (LIMA & SÁ, 2008) mostram que a Comissão contou com a participação de zoólogos, botânicos, geógrafos, astrônomos e antropólogos; profissionais que, seguindo demandas ministeriais, produziram relatórios de suas atividades. O levantamento topográfico das regiões percorridas e a coleta de material enviado para instituições científicas como o Museu Paulista e o Museu Nacional do Rio de Janeiro foram algumas das atividades científicas realizadas no interior da Comissão Rondon.

No entanto, durante os sete anos de duração da Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas, além dos botânicos, zoólogos, geógrafos, astrônomos e antropólogos, diversos médicos estiveram presentes nas expedições organizadas. A partir deste dado, podemos levantar algumas questões: Qual era o papel dos médicos no interior de uma Comissão de objetivos tão diversos quanto os acima apresentados? Qual era a importância dos registros produzidos por estes médicos para o funcionamento do restante da Comissão?

Em primeiro lugar, o papel dos médicos era cuidar dos doentes. E os médicos da Comissão Rondon tiveram muito trabalho durante as expedições. Além dos membros da Comissão que adoeciam, eles também prestaram consultas diversas vezes a moradores das

regiões percorridas, o que trouxe a eles a oportunidade de travar contato com as principais moléstias que grassavam nos “sertões do noroeste”.

Todavia, além de prestar consultas aos doentes os médicos também produziram registros e relatórios que descreviam aspectos como clima e quadro nosológico das regiões percorridas. Desse modo, podemos dizer que os médicos da Comissão Rondon produziram, através de seus relatórios, um quadro médico-sanitário dos “sertões do noroeste”. Assim como os botânicos, zoólogos e geógrafos que participaram da Comissão, os médicos descreveram a região a partir de olhos treinados por sua especialidade científica. Os relatórios médicos da Comissão Rondon são o produto de um olhar médico sobre os “sertões do noroeste”, constituindo mais um elemento da caracterização destes sertões.

### **Os relatórios médicos da Comissão Rondon.**

Os relatórios da Comissão Rondon, bem como aqueles produzidos por Oswaldo Cruz e Carlos Chagas por ocasião de suas viagens à Amazônia, pertencem a um período da história da saúde no Brasil no qual o registro médico-sanitário incluía informações a respeito dos lugares, costumes, modos de vida, alimentação e relações de trabalho das populações. Os médicos do período abordavam seus objetos de estudo de um modo bastante amplo, considerando tanto dados bacteriológicos como noções sobre o clima das regiões e até mesmo dados advindos da geografia, da cultura e da história dos espaços observados. Podem até mesmo ser apontadas afinidades entre os saberes médico e sociológico em princípios do século XX (SCHWEICKARDT & LIMA, 2007).

Os relatórios médicos de viagem deste período assumem, então, o importante papel de produtores de imagens as mais variadas sobre as regiões analisadas. Produzem imagens sobre os longínquos “sertões” do país. Participam da invenção – ou reinvenção – de grandes regiões brasileiras.

No Caso da Comissão Rondon, os registros apresentam descrições dos chamados “sertões do noroeste”. Percorrendo enormes distâncias ao longo dos estados do Mato Grosso e Amazonas durante alguns anos, os expedicionários puderam colocar-se em contato diário com diversos aspectos da vida naquelas paragens. A análise dos relatórios médicos da Comissão nos permite perceber os aspectos que saltavam aos olhos destes homens bem como as imagens que eles construíram sobre as regiões exploradas. O que os registros médicos da Comissão Rondon diziam sobre os “sertões do noroeste” de forma geral? Como esta região

foi representada nesses registros? Quais foram as principais imagens utilizadas para caracterizá-la?

De forma geral, o discurso dos relatórios médicos da CLTEMTA acerca da salubridade da região amazônica é bastante ambíguo. Nota-se um esforço no sentido de combater a fama de insalubridade da região – ligada especialmente aos altos índices de incidência de paludismo na mesma, verificados por Euclides da Cunha, Oswaldo Cruz e Carlos Chagas – sem, no entanto, apresentá-la como totalmente salubre.

Todd Diacon, no livro “Rondon: o marechal da floresta” analisa, dentre outros pontos, os objetivos de colonização e povoamento da região amazônica previstos nas atividades da Comissão Rondon. Ele também destaca algumas das ambiguidades presentes nos discursos e nas práticas de seus membros. Ao cotejar correspondências particulares trocadas entre os oficiais da Comissão e textos divulgados na imprensa pelo escritório central da mesma, uma dessas contradições aparece. Ele percebe que:

*“Oficiais admitiam a existência de riscos à saúde em documentos e correspondências particulares, mas raramente o faziam em público, exceto quando isso chamava a atenção para seu heróico trabalho.” (DIACON, 2006:181)*

Ou seja, para ele, embora os oficiais da Comissão reconhecessem que a região por eles atravessada era perigosa do ponto de vista sanitário – e a maior ameaça apontada era a malária –, eles procuravam omitir essa informação para que a colonização da região não fosse prejudicada. No entanto, no momento em que estas más condições sanitárias poderiam ser utilizadas para supervalorizar seu trabalho, elas voltavam ao seu discurso como meio de reforçar a dramaticidade do empreendimento no qual estavam envolvidos e o caráter heróico de seus esforços.

No entanto, o exame dos relatórios médicos da Comissão vem mostrando que este tema é ainda mais complexo. Tais textos atestam a presença da doença – em especial da malária, mas também do beribéri e de outras enfermidades – em diversas regiões atravessadas pelos expedicionários, procurando mostrar, no entanto, que, em primeiro lugar, tais doenças ocupavam áreas que podiam ser geograficamente limitadas – e que, portanto, seria injusto estender à região como um todo o epíteto de “insalubre” ou de “doente” –; e que, em segundo lugar, o saber médico-sanitário, se aplicado com correção, poderia garantir a ocupação destes territórios sem maiores problemas. Ou seja, apesar de reconhecer a presença da(s) doença(s)

na região, estes relatórios esforçam-se para delimitar as áreas insalubres e reforçam a potencial salubridade de todo – ou quase todo – o vale amazônico.

A posição do capitão-médico graduado João Florentino Meira de Faria é bastante ilustrativa desse ponto de vista e vale a longa citação:

*“(...) Mas quem entre nós, levado por um desejo de viver uma vida forte ao grande sol e ao grande verde de nossa terra, alista-se entre os auxiliares do Coronel Rondon, é alvo das expressões de simpatia a mais triste.*

*Ninguém sabe, por desinteresse, das condições reais de vida, de salubridade em que nos encontramos nos sertões de Mato Grosso e Amazonas, mas ninguém se furta a um largo gesto de pena ou de admiração!*

*Não se sabe ao certo que perigo concreto, real ameaça ao que parte: de insalubridade manifesta, a não serem algumas expedições militares organizadas da maneira a mais defeituosa como a própria administração veio a reconhecer, nenhum atestado franco se tem tido; de silvícola, como ameaça a quem viaja nos sertões do Brasil, não se poderia seriamente falar.*

*O que resta como explicação é o medo vago, impreciso, que hoje se tem de abandonar a costa, a cidade, em busca do sertão.*

*E este medo tem sua repercussão sobre aquele que parte: nós não somos nascidos em uma escola de caráter, formadora de homens!*

*Vendo os demais temerem, o entusiasmo do que vai se arrefece, ele começa a partilhar as prevenções e os receios do meio e, se um sentimento de pudor e amor próprio mantêm-no decidido a partir, ele parte abalado em seu otimismo, ele parte em condições que o predisõem ao máximo para adoecer.*

*Seria, porém exagerar, seria cair em um vício oposto de julgamento o acreditar seja aquele o fator exclusivo de moléstias na bacia do Amazonas. É preciso reconhecer: o vale do Amazonas não é uma região salubre...*

*Nem região alguma do mundo o foi antes que o esforço do homem domasse a natureza e normalizasse a vida: as províncias de França, hoje "o mais belo reino depois do céu" não o eram ao tempo da conquista romana... (...)”<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> Devo esta citação à pesquisadora Tamara Rangel Vieira. O trecho citado é parte do seguinte documento: CLTEMTA. Publicação nº 32 - Anexo nº 6 - Serviço Sanitário. Relatório apresentado ao Sr. Coronel de Engenharia Cândido Mariano da Silva Rondon pelo capitão-médico graduado João Florentino Meira de Faria. 1916. pp.5-6



Estas palavras mostram que a natureza tropical é vista como uma adversária do homem, um obstáculo a ser domado pelo “esforço do homem”. O vale do Amazonas não é insalubre, ele está insalubre. Assim como as províncias da França se tornaram paradisíacas a partir do esforço dos homens que a habitaram, as regiões banhadas pelo rio-mar também poderiam tornar-se locais aprazíveis do ponto de vista médico-sanitário desde que as regras da medicina fossem ali aplicadas.

Aquilo que nos textos de Euclides da Cunha e outros viajantes de períodos mais remotos aparecia como inviável – domar a natureza Amazônica – tornara-se exequível para os médicos que acompanharam Rondon e integraram sua Comissão nas viagens pelos estados do Mato Grosso e de Amazonas. Integrar os “sertões do noroeste” à nação brasileira deixou de ser uma tarefa inviável e tornou-se uma missão exequível. Deveria ser executada pela própria Comissão Rondon.

No entanto, apesar da defesa de uma potencial salubridade da região, o texto confirma que, no momento em que é escrito, “o vale do Amazonas não é uma região salubre”. Ou seja, a presença da doença é um elemento característico da região. Como aponta Simone Kropf, no início do século XX a doença já aparece como um elemento capaz de caracterizar grandes regiões do país. Acredito que os relatórios médicos da Comissão Rondon apresentam uma caracterização da região amazônica na qual a malária – apesar dos esforços no sentido de minimizar sua importância – assume uma posição de centralidade.

#### **Bibliografia:**

BENCHIMOL, Jaime Larry. *Dos micróbios aos mosquitos: febre amarela e a revolução pasteuriana no Brasil*. Rio de Janeiro: Fiocruz/ UFRJ, 1999.

BIGIO, Elias dos Santos. *Cândido Rondon: a integração nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto: PETROBRAS, 2000.

CAMPOS, Murillo. *Notas do interior do Brasil. Do Rio de Janeiro a Cuiabá (via Goiás)*. *Brasil-Médico*. Ano XXVII, N.12. 22 de Março de 1913.

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CHALHOUB, Sidney. Cidade febril - cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DIACON, Todd A. Rondon: o marechal da floresta. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HARDMAN, F. F. Trem-fantasma: a ferrovia Madeira-Mamoré e a modernidade na selva. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

KROPF, Simone. Doença de Chagas, doença do Brasil: ciência, saúde e nação (1909-1962). Tese de Doutorado. Universidade Federal Fluminense, 2006.

LIMA, Nísia Trindade. Missões civilizatórias da República e interpretação do Brasil. História, Ciências, Saúde – Manguinhos. Vol. V (suplemento). Rio de Janeiro, Julho, 1998.

LIMA, Nísia Trindade; SÁ, Dominichi Miranda de. Science and Territory in Brazil: the Strategic Telegraph Commission of Mato Grosso to Amazonas (1907-1930). Minerva. Review of Science, Learning and Policy (London), 2008. No prelo.

MACIEL, Laura Antunes. A Nação por um Fio. Caminhos, práticas e imagens da Comissão Rondon. São Paulo: Educ/FAPESP, 1998.

NEDELL, Jeffrey D. Belle Époque Tropical – sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

NEVES, M. de S. Os cenários da república. O Brasil na virada do século XIX para o século XX. . In: NEVES, Lucília Almeida Neves; FERREIRA, Jorge Luís. (Org.). Brasil Republicano: Estado, sociedade civil e cultura política. 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SCHWEICKARDT, Júlio César; LIMA, Nísia Trindade. Os cientistas brasileiros visitam a Amazônia: as viagens científicas de Oswaldo Cruz e Carlos Chagas (1910-1913). História, Ciências, Saúde – Manguinhos , Dez 2007, vol.14, pp.15-50.